

COMPLEMENTAÇÃO FINITA NO PORTUGUÊS DE ANGOLA: PARA
UMA GRAMÁTICA DA FRASE

FINITE COMPLEMENTATION IN ANGOLAN PORTUGUESE: A
CONTRIBUTION TO THE CLAUSE GRAMMAR

Maria do Céu Fonseca
Universidade de Évora
cf@uevora.pt

David Jorge Lopes Suelela
david suelela@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho visa descrever a natureza estrutural e funcional da complementação oracional finita na variedade angolana do português, segundo os princípios teóricos e metodológicos do funcionalismo linguístico das escolas francesa e espanhola. Pretende-se contribuir para o estudo de uma proposta de gramática da frase que evidencie o atual panorama deste subtipo de subordinação na norma angolana do português.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, complementação finita, gramática da frase, variedade angolana do português.

ABSTRACT: The present work, carried out within the framework of French and Spanish functionalist schools, aims to describe the structural and functional nature of the finite complement clauses in the Angolan Portuguese. We claim that the features of this grammatical system that differ from European Portuguese should be taken as specific properties of a variety of Portuguese.

KEYWORDS: Functionalism, finite complementation, clause grammar, Angolan Portuguese

Considerações iniciais

Nos últimos anos, tem sido notório o volume de trabalhos sobre o léxico da variedade angolana do português (COSTA, 2013 e 2015; MUDIAMBO, 2014; CHICUNA, 2014). Já no campo da sintaxe, a situação é algo diferente. Considerando a “história recente” (GONÇALVES, 2013, p. 162, 177) da investigação sobre as variedades africanas do português, devem registar-se, tanto quanto o mérito de tais trabalhos lexicais, as lacunas em matéria de sintaxe de que dava conta há poucos anos Paulino Sona Adriano (2014) e que ainda não se inverteram. O presente trabalho sobre a variedade angolana do português (PA) encontra assim a sua justificação no quadro do investimento numa gramática da frase, mais precisamente na descrição de usos efetivos dos falantes, atentos os princípios funcionalistas do dinamismo linguístico (MARTINET, 1995, p. 76, 85) e do realismo na observação imanente dos factos (a “linguística das línguas” de MARTINET, 1978, p. 9, 43).

O recurso a *corpora* orais tem constituído uma metodologia comum à generalidade dos trabalhos lexicais e sintáticos. Mas, numa altura em que se debate a norma de PA e se propugna pela sua definição, parece relevante contemplar dados linguísticos mais estáveis e próximos de um modelo padrão. Sendo certo que “[c]ada língua em plena sincronia apresenta zonas de maior ou menor estabilidade e a todos os níveis” (CLAIRIS, 2008, p. 21), a opção neste trabalho foi para textos jornalísticos que, atendendo às características do género (nomeadamente quanto ao estilo claro e direto) e ao facto de serem promotores de modelo normativo, são de molde a ilustrar o uso corrente da complementação oracional finita no PA.

Nestes termos, a descrição das propriedades categoriais, sintáticas e semântico-pragmáticas destas estruturas visa a apresentação de uma proposta de gramática da frase, ao mesmo tempo que, com base no acervo textual da imprensa escrita angolana, lançaríamos o desafio de constituição de um *Corpus* do Português Angolano Contemporâneo.

1. Linguística da língua e linguística das línguas

A designação deste item, que se toma de empréstimo a artigo de E. Alarcos Llorach, permite justificar a natureza deste trabalho e o seu enfoque teórico. Recorrendo às próprias palavras do autor espanhol (ALARCOS LLORACH, 1977, p. 3):

La lingüística de la lengua, preocupada por encontrar las semejanzas cada vez más abstractas y profundas de todas las lenguas, termina por rebasar las fronteras de lo que es lingüístico y situarse en niveles o zonas fuera de la lengua. En cambio, la lingüística de las lenguas, insistiendo en la observación de los rasgos diferenciales de unas y otras, se coloca en un terreno más real y exclusivamente lingüístico.

Como o mesmo Alarcos reconhece, tais palavras, que visam focar a diversidade constitutiva das línguas para além dos seus traços formais comuns, já então não representavam grande novidade para os seguidores da escola de Praga (1926) e de outros *ramos* do funcionalismo europeu e norte-americano. Tal como este princípio funcionalista, que no caso interessa para centrar o propósito deste trabalho na descrição de usos linguísticos, outros da escola de Praga foram sucessivamente reaparecendo em vários autores, sem dúvida alterados por outros marcos teóricos.

No debate recorrente sobre os paradigmas funcional e formal da investigação linguística (cf. DIK, 1981; DIRVEN e FRIED, 1987; NEVES, 1997; GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 1997), situam-se entre o primeiro e na mesma linha do funcionalismo praguense: (i) as escolas contemporâneas de Genebra (Tesnière), Paris (Martinet) e Copenhaga (a glossemática de Hejlslev); e (ii) os mais recentes modelos teóricos da escola de Londres, do funcionalismo americano de Givón e o modelo holandês da gramática funcional de Dik (1981), atualizado na gramática discursivo-funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008).

É esta versão mais recente da gramática discursivo-funcional que tem suscitado no Brasil a produção de um profícuo corpo teórico sobre as construções completivas em português (SOUSA, 2007; SANTANA, 2010; GONÇALVES e SOUSA, 2013; SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014; SOUSA *et al.*, 2016, entre outros) e nas suas variedades lusófonas (SOUZA, 2014)¹. Pretende-se agora continuar no trilho destes trabalhos, mas com outra proposta de análise, fruto de agulhagem teórica.

Desta feita, fiéis à conceção da língua como estrutura adaptada às necessidades comunicativas dos seus falantes – princípio que Martinet enunciava em

¹ As referências bibliográficas apresentadas restringem-se a estudos sobre a complementação oracional (nomeadamente, os mais recentes), que constituem uma parte diminuta da extensa lista de “Estudos funcionalistas no Brasil” (Neves, 1990, p. 71-104). Já de si extenso, este recenseamento de Moura Neves seria hoje em muito ampliado.

1926² –, visamos neste trabalho a complementação oracional na variedade angolana do português dentro do quadro teórico e metodológico do funcionalismo linguístico francês, com pontes conceptuais necessárias para outros movimentos e correntes de orientação martinetiana. No âmbito hispânico, importa o caso da escola formada em torno de Alarcos, consensualmente reconhecido o seu enquadramento teórico e as suas linhas de investigação ligadas a subcorrentes do pensamento funcionalista. As conexões com Praga, Copenhaga, Martinet ou Tesnière são estabelecidas pelo próprio Alarcos em diversos momentos da trajetória do seu funcionalismo:

(...) nos situamos en una posición parecida a la de André Martinet (ALARCOS LLORACH, 1977, p. 3).

Outro punto en que comencé (y siguen otros) insistiendo es el de la *transposición*, brotado en última instancia de la viejísima lectura de Bally y que casi (y digo casi porque no hay que pillarse los dedos) se identifica con la traslación de Tesnière (ALARCOS LLORACH, 1990, p. 35).

Y tendríamos así, más o menos como hace Martinet, una serie de funciones adverbiales designadas sin más complicaciones, con precisión friamente formal, como función *si*, función *como*, función *aunque*, etc. etc. (LARCOS LLORACH, 1990, p. 41).

As citações interessam para matéria de complementação oracional. Talvez um dos aspetos mais interessantes da perspetiva sintática herdada de Martinet e Alarcos seja a noção de que o conceito de oração subordinada é dispensável na análise linguística, sendo mais eficazmente substituído pela nomenclatura das funções sintáticas, tal como apresentado na *Grammaire fonctionnelle du français* (MARTINET, 1979): a título de exemplo, “fonction d’origine (...) marquée par *de*”, “fonction destinative (...) marquée par *pour*”, “fonction causale (...) marquée par *par*” (MARTINET, 1979, p. 172-176)³. Em vão se tentará encontrar nesta gramática – primeira aplicação do modelo funcionalista ao francês contemporâneo – os habituais capítulos da subordinação substantiva,

² “(...) lo que diferencia un idioma de los otros es menos la naturaleza sustancial de las unidades con que opera que el modo como estas unidades funcionan, o, en otros términos, contribuyen a la comunicación” (MARTINET, 1976, p. 10; trabalho original publicado em 1926).

³ Esta descrição de funções não específicas não é de todo consensual no seio do funcionalismo linguístico francês. Por estirada que seja a descrição, “Les fonctions présentes jusqu’ici n’épuisent nullement la liste des relations qu’on peut établir entre un nominal et le noyau, prédicat ou prédicatoïde, de la proposition” (MARTINET, 1979, p. 198).

adverbial e relativa, ainda que o autor opere com a designação de “proposition subordonnée” por razões que aduz, entre as quais “elle [proposition subordonnée] sera plus familière à bien des lecteurs” (MARTINET, 1979, p. 207).

Algo de idêntico diríamos para a *Syntaxe générale* (MARTINET, 1985), primeira exposição sistemática da doutrina martinética aplicada ao plano sintático: “Dans ce qu’on désigne traditionnellement comme une phrase formée de la proposition principale et d’une ou plusieurs propositions subordonnées, il n’y aura jamais, sauf cas de coordination, qu’*un seul* prédicat” (MARTINET, 1985, p. 87), ao qual se ligarão direta ou indiretamente sintagmas predicativos secundários. Na linha de Martinet, entende-se portanto que “la notion de proposition n’est pas sollicitée” no contexto da descrição de “Phrase simple, phrase complexe” (COSTAQUEC e GUÉRIN, 2007, p. 106-107), como também Alarcos (1990) considerara a propósito do mecanismo sintático da transposição, de inspiração *tesnieriana*. A teoria gramatical de Alarcos incorpora o modelo da gramática de dependências de Tesnière (1988) através deste mecanismo sintático da transposição, muito produtivo nos estudos de gramática funcional espanhola (cf. MARTÍNEZ, 1994, p. 19; GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 1997, p. 151).

A transposição opera, por meio de mecanismos transpositores⁴, uma mudança de categoria dos sintagmas, que pode ser de tipo nominal (1), adjetival (2) ou adverbial (3), nas versões mais clássicas⁵:

- (1) a. O caçador percebeu *que a noite chegou*. (BECHARA, 2009, p. 462)⁶
b. O caçador percebeu *a chegada da noite*.
- (2) a. As crianças *que eram alegres* partiram para a excursão. (CASTE-LEIRO, 1981, p. 56)

⁴ Para Gutiérrez Ordóñez (1997, p. 198) trata-se de “un mecanismo transpositor formalmente determinable”, entendendo o autor que, para além de preposições, conjunções subordinativas e pronomes relativos, outros fatores de caráter formal, como a ordem das palavras, a entoação, as pausas também podem assumir funções transpositivas.

⁵ Está na base desta tripartição a classificação das orações subordinadas em substantivas, relativas e adverbiais, embora a tipologia seja discutível. Alarcos (1994, p. 324) agrupou as “oraciones complejas” em “a) las que con su transpositor cumplen una función oracional (es decir, constituyen un adyacente del núcleo verbal), y b) las que con su transpositor son adyacentes de un grupo nominal unitario”.

⁶ Os exemplos citados de gramáticas ou estudos especializados apresentam a respetiva origem. As orações e sintagmas de tipo nominal, adjetival e adverbial são apresentados em itálico, adaptando-se também os exemplos citados a esta convenção.

- b. As crianças *alegres* partiram para a excursão.
(3) a. Telefono-te *quando o João chegar*. (LOBO, 2013, p. 1987)
b. Telefono-te *logo*.

Os exemplos mostram que, na ausência do transpositor, as construções de base seriam simples e não complexas; e mostram que o transpositor (no caso, conjunções subordinativas e pronome relativo) opera uma mudança de categoria (de estruturas nominais, adjetivais e adverbiais para estruturas verbais elevadas) e graças a ele tais estruturas verbais passam a funcionar sintaticamente como as correspondentes estruturas nominais, adjetivais e adverbiais. Assim, “a este cambio de categoría se le llama transposición, y transpositor a la unidade que interviene para hacer posible la subordinación” (MARTÍNEZ, 1994, p. 46). Várias vezes Gutiérrez Ordóñez (1997, p. 166, 196) frisou que a transposição se apresenta como uma das principais manifestações do princípio da economia da linguagem proposto por Martinet e empregue de modo recorrente por Alarcos e seguidores das escolas de Oviedo e de León.

2. Complementação finita na literatura linguística portuguesa e brasileira

Exemplos como (1) ilustram ser a complementação, ao contrário de outros mecanismos de subordinação, um fenómeno de dependência oracional entre uma oração principal, considerada estrutura sintática matriz, e uma encaixada com função equivalente a de um nome. É sabido que esta estrutura matriz pode ser um verbo, um nome e um adjetivo⁷, núcleos que selecionam orações completivas com diferentes funções sintáticas, cuja tipologia pode apresentar algumas variações. Para além das consensuais completivas de sujeito (4a), de objeto direto (1a, 4b) e de complemento oblíquo (4c-d), registre-se que é duvidosa a ocorrência de completivas em função de objeto indireto (comutáveis pelo pronome *lhe*; cf. BARBOSA, 2013, p. 1825), e são frequentemente atestadas completivas predicativas (4e) e apositivas (4f):

- (4) a. *Que o Primeiro-Ministro tenha dito isso* é grave.
b. Perguntaram-lhe *se estava à-vontade*.
c. O João insistiu em *que fôssemos à festa dele*. (DUARTE, 2003, p. 614)

⁷ Veja-se Barbosa (2013, p. 1822, nota 4) a propósito dos advérbios *bem* e *mal* como núcleos predicativos de orações completivas com função de sujeito.

- d. Têm consciência de *que mentiram*.
- e. O problema é *que não conseguia ampliar a produção*. (NEVES, 2000, p. 337)
- f. Uma coisa lhe posso adiantar, *que as crianças são a alegria dos adultos*. (BECHARA, 2009, p. 464)

A caracterização destas estruturas sintáticas completivas assenta em propriedades gramaticais que podem assim ser sistematizadas: (i) transpositores e modo verbal; (ii) estrutura interna; (iii) sequências temporais. A primeira propriedade permite uma distinção das orações completivas em finitas e infinitivas, já que as orações finitas, ao contrário das infinitivas, i) são tipicamente introduzidas pelos transpositores *que*⁸ ou *se*, ii) contêm necessariamente uma forma verbal no modo indicativo ou conjuntivo e (iii) apresentam realização de um sujeito sintático, interpretado, ora em referência disjunta relativamente ao da oração matriz, como em (4c), ora em correferência, como em (4d), característica de que partilham também as infinitivas flexionadas. Comparem-se estes exemplos anteriores, retomados agora em (5) e (6), respetivamente:

- (5) a. O João insistiu em *que fôssemos à festa dele*.
- b. O João insistiu em *irmos à festa dele*.
- (6) a. Têm consciência de *que mentiram*.
- b. Têm consciência de *ter(em) mentido*⁹.

Em (5a) e (6a), as orações completivas finitas são introduzidas por um transpositor (*que*), o verbo está flexionado no modo conjuntivo (5a), associado à referência disjunta dos sujeitos, e no modo indicativo (6a), sendo que neste caso “a interpretação co-referencial do pronome nulo é a única possível” (BRITO, 1991, p. 114). Considerando a expressão alternativa entre completivas finitas e infinitivas (CASTELEIRO, 1981, p. 245-246), ainda que as primeiras apresentem “uma distribuição mais restrita” (BARBOSA, 2013, p. 1828), as infinitivas de (5b) e (6b) mantêm o padrão sintático das correspondentes finitas quanto

⁸ São várias as línguas românicas onde se atesta a possibilidade de omissão deste complementador, preferencialmente em contextos de conjuntivo, e em registos literários e formais. A literatura portuguesa de fases pretéritas está cheia de exemplos variados deste fenómeno, mesmo em contextos de indicativo. Cf. “Supressão e reduplicação do complementador” (DUARTE, 2003, p. 620-621).

⁹ Em infinitivas oblíquas (de nome, adjetivo e verbo), quer a forma flexionada, quer a invariável são possíveis de modo bastante livre.

ao comportamento do sujeito na variável referência disjunta vs correferência¹⁰.

Ainda quanto a tentativas de paráfrases, importa referir que, nos termos de Peres e Mória (1995, p. 81), as completivas finitas do tipo (7a), selecionadas por uma classe de verbos transitivos predicativos, são realização de um objeto direto nominal ou oração pequena / reduzida (7b):

- (7) a. O Luís considera *que a Ana é simpática*. (PERES e MÓIA, 1995, 81)
b. O Luís considera *a Ana simpática*.

O complemento de (7b), embora não marcado por nenhuma forma verbal, corresponde a uma estrutura equativa de cópula formada por sujeito e predicativo (A *ser* B), presente na completiva objeto. Assim: (i) *O Luís considera a Ana simpática*; (ii) *A Ana [é] simpática*; (iii) *O Luís considera que a Ana é simpática*. Em (7b), ocorreu a simplificação de uma estrutura complexa numa estrutura simples por um processo de nominalização ou transcategorização do predicador verbal da oração encaixada. Daí que a nominalização seja encarada como “o grau máximo de integração formal no processo de complementação” (SANTANA, 2010, p. 89), processo eventualmente mediado por uma fase de dessentencialização, segundo a gramática discursivo-funcional, isto é, expressão da oração completiva em forma não-finita. No formalismo desta gramática: (i) *Disse que dizia a verdade* (oração finita) > *Disse dizer a verdade* (oração infinitiva) > *Disse a verdade* (nominalização).

Dependendo da particularidade semântica do transpositor, as orações completivas finitas podem ser declarativas, quando apresentam traços sémicos de verdade (como na generalidade dos exemplos dados), e interrogativas indiretas, basicamente associadas a um significado hipotético (4b). Vários estudos linguísticos têm vindo a integrar no conjunto destas completivas outros grupos de orações finitas introduzidas por transpositores relativos e adverbiais. Assim, encontram-se, por um lado, as denominadas interrogativas pronominais (PERES e MÓIA, 1995, p. 88-89) ou parciais (BARBOSA, 2013, p. 1835), como em (8a-c), que são um subtipo das interrogativas, e, por outro lado, as denominadas completivas exclamativas, como em (9a-c). Segundo Bechara (2009, p. 465), trata-se, na verdade, de orações interrogativas e exclamativas desprovidas da

¹⁰ Vários fatores cumulativos estão envolvidos nesta variável, nomeadamente a classe semântica do verbo matriz, o uso do modo indicativo ou conjuntivo, as formas de expressão do sujeito (lexical, pronominal ou nulo), a opção por construções finitas ou infinitivas flexionadas (cf. BRITO, 1991, p. 101-121; AMBAR, 1992, p. 91-100; NEVES, 2000, p. 346-363).

respetiva força ilocutória (interrogativa e exclamativa) e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos:

- (8) a. O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*. (BECHARA, 2009, p. 465)
- b. O Luís não sabe *quem marcou a data do exame*. (PERES e MÓIA, 1995, p. 89)
- c. Não sei *a quantas lojas eles foram*. (BARBOSA, 2013, p. 1835)
- (9) a. É incrível *quem a foi cumprimentar*. (BARBOSA, 2013, p.1837).
- b. Eles disseram-me *quão complicado é o problema*. (*Idem*)
- c. É fantástico *onde ele foi comprar o computador*. (*Idem*)

Se atrás apresentámos o modo como um dos elementos caracterizadores das orações completivas, foi tendo em consideração o facto de estas orações serem “um dos contextos preferenciais para a ocorrência do ‘modo conjuntivo’” (SANTOS, 2003, p. 161), tanto quanto um dos contextos mais problemáticos de uso do conjuntivo e/ou indicativo em português (e noutras línguas românicas). Uma revisão da tradição gramatical, tal a que fez Maria Joana Santos desde Jerónimo Soares Barbosa, e uma análise da literatura linguística evidenciam ambas as situações. Na sequência de vários autores, conhece-se: por um lado, (i) a frequência com que o conjuntivo é usado em orações completivas; mas também, por outro lado, (ii) as possibilidades aí atestadas de alternância modal (pense-se em *acreditar*, *imaginar* e em nomes como *hipótese*, *ideia* quanto à seleção do modo na oração encaixada), muitas vezes com implicações ao nível do significado¹¹; (iii) a dificuldade em explicar a ocorrência do conjuntivo com alguns verbos factivos (é o clássico exemplo do verbo *lamentar*); e, em contrapartida, (iv) a sua ausência em contextos associados a valores de virtualidade (caso dos chamados verbos de ficção, como *fingir* e *sonhar*)¹². De forma necessariamente breve, até porque o assunto já está bem estudado

¹¹ Segundo Jorge Morais Barbosa (1998, p. 78), “(...) c’est l’emploi ou le non-emploi du ‘subjonctif’ dans la subordonnée qui, en l’espèce, précise le sens du verbe de la principale”. A título de exemplo, veja-se a diferença entre “Disse-lhe que estava bem vestida” e “Disse-lhe que estivesse bem vestida”, onde *dizer* tem “dans la première phrase le sens de ‘affirmer’ et dans la seconde celui de ‘recommander’” (BARBOSA, 1998, p. 78).

¹² A hipótese de explicação de Rui Marques pode simplificar o assunto: “O indicativo surge (...) como o modo marcado, associado a valores específicos, sendo o conjuntivo o modo complementar. Ou seja, contrariamente ao que tem sido mais ou menos explicitamente assumido na literatura, proponho que não exista uma regra que leve à selecção do conjuntivo, sendo este modo selecionado quando não ocorre o factor determinante da selecção do indicativo” (MARQUES, 1997, p. 197).

(MARQUES, 1997, p. 191-202), podemos dizer que o uso do indicativo ou do conjuntivo, em estruturas completivas, depende da modalização do enunciado pelo falante, que pode assumir uma atitude de certeza e, por outro lado, dúvida, possibilidade, desejo, obrigação (BORBA, 1991, p. 194; PALMER, 2007, p. 1) ou simplesmente de “non-affirmation” / “non-information” (BARBOSA, 1998, p. 77)¹³. Genericamente, o indicativo é selecionado por predicadores associados à modalidade epistémica ou a traços de evidencialidade (10) e o conjuntivo por predicadores associados à modalidade deôntica (11a), volitiva (11b) ou avaliativa (11c):

- (10) a. O João sabe *que a Maria tem razão*. (DUARTE, 2003, p. 599)
- b. Os estudantes pensavam *que podiam repetir a prova*. (*Idem*)
- (11) a. A assaltante exigiu *que os funcionários abrissem os cofres*. (BARBOSA, 2013, p. 1841)
- b. Espero/Prefiro *que o Paulo saia do país*. (*Idem*)
- c. Lamento/Detesto *que o João tenha decidido sair do país*. (*Idem*)

A seleção modal nas orações completivas também é determinada por certos predicadores epistémicos e avaliativos de dupla seleção modal (como os nomes *ideia, hipótese, suspeita*; os adjetivos *confiante, crente, conseqüente, resultante*; os verbos *acreditar, crer, imaginar, achar, julgar, considerar*) ou pela presença de um operador de negação na fronteira inicial da frase¹⁴, que altera o significado do predicador, passando de assertivo a dubitativo ou de dubitativo a assertivo (BOSQUE, 1990, p. 156; BARBOSA, 2013, p. 1843). Os níveis ou graus de pressuposição implícitos na atitude veiculada pelo locutor são determinantes para a seleção modal e temporal no subtipo de subordinação oracional em estudo.

¹³ Talvez uma forma sintética de exprimir todos os valores do conjuntivo em oposição ao indicativo, seja assumir, com Jorge Morais Barbosa e outros autores (BOSQUE, 1990, p. 36-42), que “le subjonctif” est, axiologiquement, le mode de la ‘non-affirmation’ (BARBOSA, 1998, p. 77), atendendo a que, para além da dúvida, incerteza, eventualidade, etc., o conjuntivo pode designar factos bem reais, como acontece em “Embora saiba cantar, não canto” e “Lamento que cantes tão mal”. Os exemplos e a explicação são do mesmo autor citado: “(...) dans *embora saiba cantar, não canto*, j’affirme ‘chanter’, je n’affirme pas, je commente ‘savoir’; de même, dans *lamento que cantes tão mal*, ce que j’affirme c’est ‘regretter’, ‘chanter’ étant l’objet de non commentaire” (1998, p. 77)

¹⁴ Aspeto de variação do uso do conjuntivo em completivas não contemplado neste trabalho. Rui Marques (2009, p. 195-196) apresenta-o no âmbito de verbos epistémicos não factivos: “(...) the selection of mood by this kind of predicates [epistemic non-factive verbs] when they occur under negation is easily accounted for”.

Relativamente à estrutura interna das completivas, cabe referir que o transpositor *que* “puede ir precedido o no de una preposición” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1995, p. 113), tal como Bechara (2009, p. 483) prevê na classificação de completivas sem preposição necessária e completivas com preposição necessária na relação gramatical oblíqua (cf. (4c-d)) ou relativa (na terminologia de Bechara). A preposição presente nestas orações oblíquas ocorre por regência do valor lexical do verbo, nome ou adjetivo da oração matriz, donde se situe no quadro de uma sintaxe do regime; e do ponto de vista semântico, a “preposición aporta un sema al nexus que rige” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1995, p. 113). É nestes termos que nomes e adjetivos epistémicos, como *facto*, *hipótese*, *ideia*, *consciência*, *convicção*, *certeza* e *convicto*, *ciente*, *consciente*, *convencido*, *certo* podem selecionar completivas oblíquas (cf. PERES e MÓIA, 1995, 122-127; DUARTE, 2003, p. 615-616; BARBOSA, 2013, p. 1873-1879). Da mesma forma, a realização da preposição nas completivas oblíquas verbais é determinada por um conjunto de verbos de sintaxe preposicional¹⁵, maioritariamente da subclasse dos pronominais, conforme ilustrado no seguinte quadro proposto por Barbosa (2013, p. 1870):

Quadro 1: Verbos de sintaxe preposicional.

Preposições	a	com	de	em	por
Verbos	acostumar-se, arriscar-se, aspirar, atender, conduzir, dever-se, inclinarse, limitar-se (...)	concordar, conformar-se, contentar-se, contar (...)	aperceber-se, arrepender-se, discordar, duvidar, envergonhar-se, esquecer-se (...)	apoiar-se, assentar, basear-se, coincidir, confiar, insistir, residir (...)	ansiar, bater-se, esforçar-se, interessar-se, optar, pugnar, responsabilizar-se (...)

A autora reconhece que, em orações oblíquas plenas, estes verbos nem sempre são usados com a preposição necessária. Inverso é o fenómeno da adi-

¹⁵ Embora o assunto seja marginal ao presente trabalho, cabe notar que a presença do complemento introduzido por preposição deve ser considerada obrigatória *per accidens* e não *per se*. De facto, aplica-se ao português o mesmo que Hernández Alonso (1996, p. 646) enuncia para a gramática do espanhol: “La palabra llamada ‘regente’ en pocos casos exige una determinada preposición y ni aun precisa llevar complemento prepositivo. Sólo en casos como *carecer de*, *privarse de*, *incidir en*, *atreverse a*, *residir en*... puede hablarse de una verdadera rección del primer elemento, porque la exige”.

ção preposicional a completivas diretas selecionadas por verbos declarativos e sensitivos, que tem sido objeto de vários estudos de pesquisadores portugueses e brasileiros (cf. PERES e MÓIA, 1995; BAGNO, 2008) e que, a exemplo da omissão, provoca mudanças estruturais e funcionais na globalidade da frase complexa.

As sequências temporais nas orações completivas finitas também aparecem condicionadas pela natureza semântico-lexical do predicador da oração matriz. Nas completivas verbais, a concordância temporal, conforme assinalam Bosque (1990) e Gonçalves *et al.* (2013), depende de dois principais grupos verbais: i) verbos prospectivos, que impõem restrição temporal à oração encaixada, como a subclasse dos verbos volitivos (*desejar, querer, pretender, esperar*) e epistêmicos de crença (*supor, duvidar, achar*); ii) verbos não prospectivos, que não impõem restrição temporal à oração encaixada, como a subclasse dos verbos de declarativos (*afirmar, dizer, garantir*), compromissivos (*prometer, jurar*), avaliativos (*lamentar, surpreender, descobrir*) e deônticos (*ordenar, mandar, permitir*):

- (12) a. Ele quis *que a Ana lhe *telefone / telefonasse*. (GONÇALVES *et al.*, 2013, p. 439)
b. Supus *que ela *?está / estava em casa*. (*Idem*)
- (13) a. A Maria disse *que a Rita está / estava em casa*. (*Idem*)
b. Ele prometeu *que está em casa a partir das 15.00h / telefona*. (*Idem*, p. 442)
c. Nunca te surpreendeu *que haja tantas estrelas / ele venha de comboio?* (*Idem*)
d. O general ordenou às tropas *que estejam preparadas / se preparem para o ataque*. (*Idem*).

Em (12), o tempo verbal da oração encaixada depende do tempo verbal da oração matriz, pois as sequências são formadas pelo mesmo tempo: pretérito + pretérito. Todavia, não sucede o mesmo nos enunciados de (13) onde não se observa qualquer traço de dependência entre o tempo verbal da oração matriz e o da oração encaixada pelo facto de as respetivas sequências serem formadas por mais de um tempo: Pretérito + Presente.

3. Da linguística das línguas à linguística de *corpus*

A linguística das línguas surge como uma das alternativas ao modelo de abordagem e descrição de fenómenos linguísticos assente na intuição dos falantes. O realismo na observação imanente dos factos, sem o recurso à introspeção, seria o procedimento mais recomendável na investigação científica (MARTINET, 1995, p. 31). Com base neste princípio e no da representatividade do *corpus*, procedemos à constituição de um *corpus* de 216 textos jornalísticos com 177.668 palavras, que constituem parte de um mais amplo acervo de textos informativos e opinativos, recolhidos durante seis meses (de novembro de 2016 a abril de 2017) da versão digital de três dos mais divulgados jornais da imprensa escrita angolana¹⁶: *Jornal de Angola* (doravante, JA), *Jornal dos Desportos* (doravante, JD) e *Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras* (doravante, JAAL)¹⁷, periódicos cuja linha editorial integra textos informativos (notícia, reportagem, entrevista) e opinativos (editorial, opinião, artigo científico, crítica, crónica).

Do JA¹⁸ – diário generalista sobre matéria nacional e internacional diversificada (política, economia, cultura, desporto) – recolhemos 88 textos, num total de 69.622 palavras. O JD¹⁹ – diário exclusivo de matéria desportiva angolana e estrangeira – permitiu-nos a seleção de 88 textos com 69.610 palavras. O JAAL²⁰ é um periódico quinzenal – cujo objetivo editorial prioritário é a valorização da memória ancestral (oratura) e da arte (literatura, música, pintura, cinema, escultura) angolanas, privilegiando assim os subgéneros textuais da crítica e do artigo científico –, donde reunimos 40 textos e 38.436 palavras.

A tabela abaixo sintetiza este *corpus* e o total de número de palavras, tido por adequado para trabalhos de morfossintaxe com base em *corpora* informatizados (XAVIER, 1996, p. 162):

¹⁶ A imprensa pública é a única que dispõe de meios para a circulação e divulgação em todo o país. A inexistência de instituições ligadas à seriação e divulgação de um *ranking* nacional de jornais, como a Associação Nacional de Jornais (Brasil) e a Associação Portuguesa para Circulação e Tiragem, constitui uma limitação de ordem metodológica a quem pretenda realizar pesquisas linguísticas com *corpora* jornalísticos.

¹⁷ Os três jornais são propriedades das Edições Novembro E.P, um grupo editorial público e tutelado pelo Ministério da Comunicação Social do Governo de Angola.

¹⁸ Fundado a 01 de julho de 1975, tem uma tiragem diária de 50.000 exemplares, distribuídos pelas 18 províncias do país. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/>

¹⁹ Fundado a 31 de janeiro de 1994, tem uma tiragem regular de 30.000 exemplares, também distribuídos pelas 18 províncias do país. Disponível em <http://jornaldosdesportos.sapo.ao/>

²⁰ Fundado a 05 de abril de 2012, tem distribuição nacional e uma tiragem de dez mil exemplares. Disponível em <http://jornalcultural.sapo.ao/>

Tabela 1: Jornais.

Periódico	Periodicidade	Tiragem	N.º de textos	N.º de palavras
<i>Jornal de Angola</i>	Diária	50.000	88	69.622
<i>Jornal dos Desportos</i>	Diária	30.000	88	69.610
<i>Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras</i>	Quinzenal	10.000	40	38.436
			Total	Total
			216	177.668

4. Complementação finita na variedade angolana do português

Um número crescente de trabalhos (GONÇALVES, 2013, p. 169; ADRIANO, 2014, p. 302, 317; CAMPOS, 2016, p. 51, 86) tem dado conta da existência de certa variação na regência da complementação oracional finita em PA, fruto de instabilidade formal e funcional. Esta instabilidade voltou a evidenciar-se no *corpus* que se constituiu para o presente trabalho, pois foi possível observar: (i) casos de transcategorização e reconversão de estruturas completivas; (ii) fenómenos de supressão de preposição em completivas oblíquas “reanalizadas”; (iii) ruturas na sintaxe posicional dos clíticos; (iv) desproporcionalidade funcional entre predicadores factuais e hipotéticos; e (v) (in)existência de restrições temporais entre o verbo da completiva e o da oração matriz.

4.1. Estruturas completivas plenas e “transcategorizadas”

Do ponto de vista funcional, as orações completivas reduzidas (cf. (7b)) são construções que resultam da mudança de categoria do núcleo predicativo da oração subordinada, transferindo-se de um argumento verbal para um argumento nominal. Fruto deste processo de transcategorização, podem ser designadas por orações completivas transcategorizadas cujas características formais e sintáticas são equivalentes às das orações completivas plenas: são selecionadas pelas mesmas classes verbais (destacam-se em negrito os verbos dos exemplos *infra*) e exercem a mesma função sintática, conforme atestado nos seguintes pares de exemplos do *corpus*:

- (14) a. O ministro **realçou** os progressos alcançados pelos Estados-membros da CPLP na luta contra a fome (...). (JA, “Manuel Vicente e Temer têm encontro em Brasília”, 31/12/2016)
 b. Manuel Gonçalves **realçou** a existência de profissionais nesta área, mas alertou que “é preciso assumirem um compromisso com a dança (...). (JA, “Associação de Dança de Angola na Forja”, 27/01/2017)
- (15) a. João Paulo Costa **realçou** que a equipa é constituída por jogadores guerreiros. (JD, “O triunfo da paciência sobre o imediatismo”, 03/11/2016)
 b. Reconheceu a competitividade registada no Girabola Zap 2016, **realçou** que o objectivo do Progresso da Lunda Sul é a terceira posição. (JD, “Lundas apostam no ataque”, 13/11/2016)
- (16) a. João Lourenço **considerou** Luanda a dama mais cobiçada do país e com muitos pretendentes. (JA, “Pré-campanha tem início em Dezembro”, 06 de novembro de 2016)
 b. O responsável **considera** preocupante a situação e disse que os casos de violência contra a mulher no país têm atingido proporções alarmantes (...). (JA, “Centenas de casos registados”, 02/12/2016)
- (17) a. Quanto aos preços, o responsável **considerou** que a fábrica pratica uma política de preços razoável. (JA, “Móvel de qualidade fabricada em Luanda”, 16/12/2016).
 b. Edmundo Rocha **considera** que o modelo de conduta cívica do cónego Manuel das Neves inscreve-se na perspectiva (...). (JAAL, “Cónego Manuel das Neves, um dos paladinos do nacionalismo moderno angolano”, 14/02/2017)
- (18) a. João Baptista Kussumua fez este reconhecimento no fim-de-semana, no acto de tomada de posse de novos quadros do sector, a quem **pediu** empenho e melhor articulação com as outras instituições do Governo. (JA, “Instituto de Investigação agrária chamado a investir no Huambo”, 14/12/2016)
 b. O ministro do interior **pediu** aos responsáveis da instituição maior controlo e disciplina dos efectivos. (JA, “Estão garantidas eleições seguras no próximo ano”, 15/12/2016).
- (19) a. O comandante **pediu-lhes** que se pautem por um comportamento exemplar, sobretudo, no que diz respeito ao assédio sexual a meninas em troca de notas. (JA, “Reforço da segurança escolar”, 05/12/2016)
 b. Aos responsáveis do partido em Luanda, João Lourenço **pediu** que prestem maior atenção na preparação dos delegados de lista e fiscais eleitorais. (JA, “Pré-campanha tem início em Dezembro”, 06/11/2016)
- (20) **Reconheceu** a competitividade registada no Girabola Zap 2016, realçou que o objectivo do Progresso da Lunda é a terceira posição. (JD, “Lundas apostam no ataque”, 13/12/2016)

- (21) Ruy Duarte de Carvalho **reconhece** *que a fluidez destas práticas sociais é tão intrincada e vasta.* (JAAL, “Ruy Duarte de Carvalho: vou lá visitar pastoras”, 17/01/2016)

Assim, na imprensa escrita de PA, quer as completivas reduzidas / transcategorizadas, quer as completivas plenas podem ser selecionadas por verbos declarativos ((14)-(15)), avaliativos ((16)-(17)), volitivos ((18)-(19)) e epistémicos ((20)-(21)). Aliás, em (14b), (15b), (16b) a coocorrência alternada das duas construções na mesma sequência discursiva, revela boa exploração do uso desta variação. No entanto, nem todas as ocorrências apresentam o mesmo rendimento funcional (MARTINET, 1995, p. 13)²¹, no sentido da sua maior ou menor estabilidade no sistema. De facto, a análise estatística do *corpus* mostra que as completivas plenas apareceram atestadas com maior rendimento funcional do que as completivas transcategorizadas:

Tabela 2 – Estruturas completivas plenas e transcategorizadas

	Orações completivas			
	Plenas		Transcategorizadas	
Periódico	Frequência	%	Frequência	%
<i>Jornal de Angola</i>	244	53	7	75
<i>Jornal dos Desportos</i>	110	24	1	25
<i>Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras</i>	107	23	0	0

A recategorização do argumento interno da completiva (22a) parece evidenciar que a força ilocutória e a economia da linguagem são dois dos principais fatores que contribuem para o uso alternado entre estruturas completivas simplificadas e elevadas:

- (22) a. (...) destacou um dirigente que pediu *o anonimato*. (JD, “Lundas apostam no ataque”, 13/11/2016)
b. Destacou um dirigente que *pediu que fosse anónimo*.

²¹ Como é sabido, o conceito de rendimento funcional, ou pertinência de uma oposição no funcionamento da língua, foi usado por André Martinet no quadro da mudança fônica. O rendimento de uma oposição fônica será tanto mais elevado quanto maior for o número de palavras diferenciadas pela ocorrência de cada par de fonemas.

Conforme se observa, a nominalização operada em (22b) evita a redundância do transpositor *que* no membro direito da oração, contrariamente ao que se observa em (23) por efeito de construções completivas encaixadas:

- (23) a. O coordenador do grupo de acompanhamento (...), disse sábado, na cidade de Ondjiva, *que o partido pretende que os cidadãos continuem a depositar confiança* (...). (JA, “Pré-campanha tem início em Dezembro”, 06/11/2016)
- b. O público tem vindo a reconhecer-nos como tal, e penso *que isso fez com que o júri não hesitasse tanto a atribuir-nos um prémio tão importante*. (JAAL, “O fim da solidão da BD angolana”, 22/11/2016)

4.2. Complementação com preposição necessária: completivas oblíquas e “reanalisadas”

Atestaram-se, no *corpus*, orações completivas oblíquas com dois padrões sintáticos: precedidas de preposição necessária (24); não precedidas de preposição necessária (25):

- (24) a. Não restam **dúvidas** de *que Bangão é um artista insubstituível* (...). (JAAL, “30 anos a trabalhar num sonho”, 11/11/2016)
- b. Estamos **conscientes** de *que a criação de valores necessários para o desenvolvimento do país se concretiza com os homens* (...). (JA, “Forte investimento na formação é prioridade na vida das pessoas”, 04/12/2016)
- c. Efectivamente, essa paganização dissemina o **pensamento** de *que a quantidade e a carestia de presentes* (...). (JA, “A luta armada na África Austral”, 14/12/2016)
- d. Portanto, o escritor deve ter **consciência** de *que a informação na era das TIC tornou-se portátil*. (JAAL, “A Webnotícia como ferramenta de divulgação da literatura”, 19/12/2016)
- e. (...) **ciente** de *que caminhante faz caminho pintando ou esculpi* (JAAL, “A propósito das artes plásticas angolanas”, 19/12/2016)
- f. Estamos **convictos** de *que os técnicos de comunicação institucional e imprensa vão absorver conteúdos e técnicas* (...). (JA, “Associação valoriza a ética”, 28/02/2017)
- (25) a. (...) mas tenho **certeza** [-] *que em relação à questão organizativa, tanto no campo administrativo como técnico-desportivo* (...). (JD, “Custódio sai com dever cumprido”, 17/11/2017)

- b. Mas, tenhamos **consciência** [-] *que a municipalização da cultura exigirá grande capacidade criativa (...)*. (JAAL, “Carolina Cerqueira define desafio tridimensional da cultura”, 17/01/2017)
- c. Não há **dúvida** [-] *que a beleza da paisagem esculpida pela natureza, associada à parte construída pelo homem, orgulha a todos nós, brasileiros*. (JAAL, “Rio de Janeiro recebe Certificação de Património Mundial da Unesco”, 14/02/2017)
- d. (...) estamos **esperançosos** [-] *que a recém-criada Academia de Letras de Angola, poderá contribuir igualmente para este desiderato*. (JAAL, “Carolina Cerqueira define desafio tridimensional da cultura”, 17/01/2017)

Em (24) e (25), as orações completivas são selecionadas pelos destacados (a negrito) predicadores nominais e adjetivais – *dúvida(s)*, *pensamento*, *consciência*, *certeza* e *consciente*, *ciente*, *convictos*, *esperançosos* – que, embora coincidindo em alguns casos, apresentam padrões estruturais diferentes: predicador + preposição *de* + transpositor (cf. (24)) e predicador + transpositor (cf. (25)). Se se entender, com Tesnière (1988, p. 39), que “Il ne peut y avoir **structure** qu’ autant qu’ il y a **fonction**” (destacados do autor), terá de se admitir que a supressão da preposição *de* em (25) modifica a valência do predicador superior e a função sintática da oração encaixada. Desta feita, os enunciados de (25) e (26) são estruturas completivas sintaticamente reanalisadas:

- (26) a. A recolha e o tratamento do lixo é uma questão importante, e **apercebi-me** [-] *que as nossas autoridades têm políticas definidas para resolver um dos nossos grandes (...)*. (JA, “A defesa do ambiente”, 02/11/2016)
- b. Não **nos esqueçamos** [-] *que o 1º de Agosto, é o resultado de uma selecção composta pelos melhores jogadores em idade militar (...)*. (JD, “O triunfo da paciência sobre o imediatismo”, 03/11/2016)
- c. Ainda não **nos convenceram** [-] *que, de acordo com a nossa lei, seja o MAT (...)*. (JA, “Quatro milhões já actualizaram dados eleitorais”, 08/11/2016)

As construções presentes em (25) e (26) são conhecidas na literatura linguística pelo nome de “queísmo”²², que constitui um fenómeno de variação

²² Nas palavras de Rabanales (2005, p. 25), que criou o termo, “En el ‘queísmo’ se trata de la tendencia a omitir la preposición *de* delante del *que* preferentemente gramemático” (isto é, conjunção). Este trabalho de 2005 é uma versão ampliada do mesmo estudo publicado em 1974.

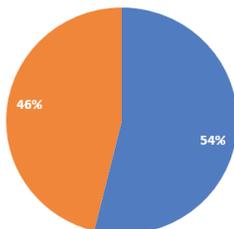
linguística, porquanto o queísmo, a par do procedimento inverso (“dequeísmo”), “no solo coexisten dentro de una misma comunidade lingüística, sino incluso dentro de un mismo individuo” (RABANALES, 2005, p. 52). As ocorrências de (25) e (26) contam-se entre os casos mais comuns de queísmo, correspondentes às estruturas *substantivo / adjetivo + (de) que* e, no caso de (26), *verbo reflexo + (de) que*, já que a reanálise sintática destas completivas é muito condicionada pelo paradigma dos verbos reflexos (os destacados *aperceber-se*, *esquecer-se* e *convencer-se*).

A conceção de que “*predomina claramente el queísmo sobre el dequeísmo*” (RABANALES, 2005, p. 52; destaque do autor) está bem patente no *corpus* em análise. De facto, podendo a reanálise das completivas em PA operar-se de modo inverso (de objetivas diretas para oblíquas), não foi porém atestada no presente *corpus* escrito de PA nenhuma ocorrência desta alternância, isto é, adição de preposições, que também Doriela Campos só identificou em enunciados orais (da Televisão Pública de Angola) e em produções induzidas (CAMPOS, 2016, p. 54, 64-65). Mais ainda: segundo Paulino Adriano (2014, p. 352-353), o fenómeno de dequeísmo é mais atestado, não apenas em produções espontâneas (*corpus* radiofónico e televisivo) como, ao que parece, em estruturas completivas finitas: “Quanto à inserção de preposições, foi possível observar que os casos que mais abundam estão relacionados com a preposição *de*, que é frequentemente inserida antes da conjunção-complementador *que*, introduzindo orações finitas” (ADRIANO, 2014, p. 373).

Voltando ao fenómeno do queísmo, o confronto dos dados do nosso *corpus* em termos de frequências, permitiu-nos identificar sete estruturas completivas oblíquas (três no JA e quatro no JAAL) e, por outro lado, seis estruturas completivas reanalisadas, portanto com apagamento ou não realização fonética da preposição (duas ocorrências em cada jornal), nos seguintes valores percentuais:

Gráfico 1 – Estruturas completivas oblíquas e reanalisadas.

■ Estruturas completivas oblíquas ■ Estruturas completivas reanalisadas



Os valores ilustram haver um rendimento funcional quase proporcional entre as duas construções no sistema escrito de PA, o que parece valer também para o registo oral, a avaliar pela afirmação de que “(...) as construções nas quais se omite a preposição são perfeitamente normais em Angola” (ADRIANO, 2014, p. 370); palavras sintomáticas de resultados idênticos obtidos a partir de dados da oralidade.

4.3. *Sintaxe posicional dos clíticos em estruturas completivas finitas*

É sabido que em todas as épocas da história do português a próclise foi o único padrão posicional dos pronomes clíticos dos três tipos de subordinação finita (cf. MARTINS, 1994, p. 93). Ora, as atestações do *corpus* mostram uma rutura deste padrão posicional dos clíticos na regência da complementação finita de PA, porquanto, sem prejuízo da aplicação da regra enunciada (cf. (27)), foram observadas várias estruturas completivas que adotam o padrão enclítico (cf. (28)) e um caso igualmente desviante de mesóclise (cf. (29)):

- (27) a. O comandante pediu-lhes *que se pautem por um comportamento exemplar (...)*. (JA, “Reforço da segurança escolar”, 05/11/2016)
b. Também disse *que nem tudo o que se passa na Sonangol se deve à actual crise por que passa o mercado petrolífero internacional*. (JA, “As contas da Sonangol”, 03/12/2016)
c. Estamos conscientes de *que a criação de valores necessários para o desenvolvimento do país se concretiza com os homens (...)*. (JA, “Forte investimento na formação é prioridade na vida das pessoas”, 04/12/2016)
d. É verdade, *que o plantel também se colocou do seu lado (...)*. (JD, “Na corda bamba”, 01/11/2016)
e. João Pintar afirmou *que muito se diz sobre os escalões de formação*. (JD, “Pintar promete uma equipa melhor”, 26/12/2016)
f. Mas é importante sublinhar *que nessa altura já se tinha disputado uma edição do campeonato nacional de basquetebol (...)*. (JD, “O nosso basquetebol”, 27/02/2016)
g. Chegado aqui, sabe-se *que hoje se tem como adquirido (...)* (JAAL, “A nossa crítica”, 14/11/2016).
h. (...) Fernando Alvim, (...), confirma *que se estenderá (...)*. (JAAL, “III Trienal de Luanda: Pôr em evidências os sintomas comuns da cultura”, 20/12/2016)

- i. Não podemos esperar *que o Executivo nos dê recursos para cada acção* (JAAL, “Carolina Cerqueira define desafio tridimensional da cultura”, 17/01/2017)
- (28) a. O director de saúde esclareceu *que os casos de malária registados devem-se à não observância (...)*. (JA, “Casos de malária com menos óbitos”, 24/11/2016)
- b. O director (...) disse *que tal iniciativa enquadra-se na política do Executivo (...)*. (JA, “Famílias desfavorecidas recebem casas no Soyo”, 15/12/2016)
- c. Alexandre Sebastião André, da bancada da CASA-CE, disse *que os membros do Conselho de Administração da Assembleia Nacional deslocaram-se ao município do Lobito (...)*. (JA, “Hotel da Assembleia aberta antes do final da legislatura”, 04/12/2016)
- d. Portanto, o escritor deve ter consciência de *que a informação na era das TIC tornou-se portátil (...)*. (JAAL, “A Cremilda de Lima”, 19/12/2016)
- e. Alberto Funyo afirmou *que a situação dos doentes em tratamento ambulatório agrava-se nalguns casos (...)* (JA, “Negligência agrava a tuberculose”, 23/02/2017)
- f. Edmundo Rocha, (...), considera *que o modelo de conduta cívica do cónego Manuel das Neves inscreve-se na perspectiva progressista-cristã (...)*. (JAAL, “Cónego Manuel das Neves, um dos paladinos do nacionalismo moderno angolano”, 14/02/2017)
- g. Fernando da Piedade Dias dos Santos lembrou aos deputados *que no próximo ano realizam-se as eleições gerais (...)*. (JA, “Mais investimento público”, 15/12/ 2016)
- (29) (...) quando muita malta do nosso “association” julgava *que competitividade registar-se-ia apenas entre aqueles dois*. (JD, “APF do Zaire reivindica direito de votar”20/11/2016)

As ocorrências do padrão enclítico de (28) aumentariam consideravelmente se fossem levados em conta contextos de coordenação copulativa (cf. (30)), que, como se sabe, admitem clíticos em posições pré- e pós-verbal. Os dados não são porém suficientes para se extrapolar alguma preferência:

- (30) a. A ministra Carolina Cerqueira acrescentou *que o papel das denominações religiosas é também levar os seus fiéis a participar da gestão da coisa pública e que “isso faz-se, antes de mais, tomando parte dos diferentes processos eleitorais que se realizam no país (...)*. (JA, “Ministra da Cultura saúda religiosos”, 28/02/2017)

b. Francisco Keth referiu *que os filmes influenciam e reflectem-se no modo das pessoas pensarem, vestirem (...)*. (JA, “Cacuaco alberga ciclo do cinema nacionalista”, 20/11/2016)

c. Vou exigir *que me deixem trabalhar com tranquilidade* e quando sentirem que não estou a dar conta do recado, *chamem-me (...)*. (JD, “Ivo Trança crucifica direcção, Morais Canamua”, 20/11/ 2016)

d. António Carlos Sumbula (...) disse *que este resultado demonstra o grande trabalho desenvolvido pelos trabalhadores e junta-se à descoberta do kimberlito do Luache*, na Luanda Sul. (JA, “Mais diamantes e menos receitas,” 16/01/2017)

4.4. Predicadores factuais e hipotéticos

Na sequência do exposto *supra* (ponto 2.), a análise do *corpus* revelou que o maior número de predicadores situa a enunciação no mundo real. O mundo possível apareceu expresso por um reduzido número de predicadores verbais deonticos, volitivos e predicadores de crença. A partir de diferentes classes semânticas de verbos e tipos de modalidade, com base em propostas de Barbosa (2013) e Marques (1995), sintetizam-se as atestações do *corpus*:

Tabela 3 – Predicadores verbais

Predicadores			Indicativo		Conjuntivo	
	N.º	%		%		%
Declarativos	160	58	160	100	-	-
Epistémicos	27	10	27	100	-	-
Epistémicos de crença	13	5	11	85	2	15
Psicológicos	10	4	10	100	-	-
Sensitivos	9	3	9	100	-	-
Avaliativos	21	7	21	100	-	-
Causativos	3	1	1	33	2	67
Deonticos	9	3	1	11	8	89
Volitivos	25	9	1	4	24	96

De acordo com os dados da tabela n.º 3, a oposição funcional entre mundo real e mundo possível, por meio de predicadores verbais, é pouco assinalada em PA, na medida (i) do maior índice de ocorrência de predicadores que só seleccionam o modo indicativo; (ii) do reduzido índice de ocorrência de predicadores que seleccionam o modo conjuntivo; (iii) da perda do valor de irrealidade

de certos predicadores verbais que resulta de um processo de dessemantização, segundo a gramática discursivo-funcional.

Exemplos de predicadores epistémicos de crença de dupla pressuposição:

- (31) a. (...) cremos *que através do cinema podemos dar a conhecer não só as conquistas da liberdade* (JA, “Cacuaco alberga ciclo do cinema nacionalista”, 20/11/2016)
 b. Acreditamos *que*, com a observância deste programa, *haverá uma sintonia mútua (...)*. (Idem).
 c. O senhor jornalista acredita *que se neste país houvesse realmente o fenómeno corrupção (...)*. (JD, “Duvido que haja mudanças no futebol”, 16/11/2016)
 d. Alguns jovens acreditam *que o Carnaval seja algo para os mais velhos*. (JA, “Grupo de Carnaval na disputa do pódio”, 24/02/2017)

Exemplos de predicadores verbais dessemantizados:

- (32) a. (...) a Direcção quer *que eu continuo*, mas nos próximos dias inclusive irei ter uma reunião com o director-geral (...). (JD, “Sambilas precisam de Albano César”, 17/11/2016).
 b. Achamos que deveríamos meter em prática as orientações do executivo, no sentido de fazer com *que aquelas áreas (...)* devam ser outorgadas aos angolanos. (JA, “Mais diamantes e menos receitas”, 16/01/2017)

Em (32), a oração subordinada apresenta traços sémicos de /+/ mundo real e /-/ mundo possível em contexto onde a tradição gramatical prevê traços sémicos de /+/ mundo possível e /-/ mundo real. Relativamente aos predicadores nominais e adjetivais, atestaram-se treze de enunciação factual / mundo real (cf. exemplos 24 e 25) e dez de enunciação irreal / mundo possível:

Tabela 4 – Predicadores nominais e adjetivais

Predicadores	N.º	%	Indicativo	%	Conjuntivo	%
Epistémicos	12	52	12	100	-	-
Epistémicos de crença	1	4	1	100	-	-
Deónticos	10	44	-	-	10	100

Seguem-se os principais contextos de ocorrência dos predicadores nominais e adjetivais de enunciação irreal:

- (33) a. É compreensível *que as autoridades e a sociedade civil se preocupem com as questões ambientais*. (JA, “A defesa do ambiente”, 02/11/2016)
- b. Mas é importante *que estudes*, porque isso em Angola não é uma coisa séria. (JAAL, “30 anos a trabalhar num sonho”, 11/11/2016)
- c. (...) é fundamental *que todos os cidadãos com idade para votar se envolvam* para que possam exercer o seu direito de cidadania. (JA, “Disponibilizados meios para o registo eleitoral”, 15/12/2016)
- d. É natural, *que neste tipo de campanha surjam promessas (...)*. (JD, “Promessas eleitorais”, 28/12/2016)
- e. É pena *que a cultura da gestão em Angola, com as exceções possíveis de apontar, sejam caracterizadas por actos de falta de informação pública*. (*Idem*)
- f. É inadiável *que cada um de nós, bem como as instituições administrativas (...), promovamos iniciativas para resgatarmos os valores*. (JAAL, “Natal: Razão de fé ou feriado comercial?”, 20/12/2016)
- g. É bom *que os candidatos à admissão na UAN se preparem bem*. (JA, “Admissão na UAN”, 16/01/2017)
- h. O país precisa de quadros e é bom *que tenhamos muitos angolanos com cursos superiores*. (*Idem*)
- i. É bom *que anualmente façamos consultas regulares*. (JA, “Cuidados com a saúde”, 31/01/2017)
- j. É imperioso *que se diga aqui que não estamos a pedir que os jovens escritores ou aprendizes de escritor tenham a licenciatura em Estudos Literários (...)*. (JAAL, “Escritores Mediáticos na proa da fama efêmera de uma geração sem nome”, 14/02/2017)

4.5. Complementação finita e concordância temporal

Relativamente aos mecanismos de concordância temporal, podemos registar os seguintes contextos de verbos associados a valores epistémicos (*explicar, dizer, acreditar, achar, recordar, sublinhar, perceber*) em (34), que atestam a livre combinação de tempos, dada a relação de independência entre os tempos verbais da oração matriz (presente e pretérito) e os das completivas de indicativo (presente, pretérito, futuro, condicional)²³. Se quisermos, e manipulando uma das ocorrências de (34):

- (i) **Explica / disse** *que a melanina chega / chegou / chegará / chegaria à fábrica em bruto*.

²³ Destacam-se ambos (os da oração matriz e da oração encaixada) a negrito.

Esta ausência de restrições às sequências temporais pode observar-se nos seguintes contextos de indicativo:

- (34) a. **Explica** que a melanina **chega** à fábrica em estado bruto e é imediatamente sujeito a um processo de tratamento. (JA, “Móvel de qualidade fabricada em Luanda”, 16/11/2016)
- b. O dirigente **explicou** que o congolês democrata **tinha** contrato com o clube até 2018. (JD, “Lundas apostam no ataque”, 13/11/2016)
- c. O presidente do conselho de administração da Empresa Nacional de Diamantes de Angola **diz** que a criação de cooperativas artesanais diamantíferas no leste do país **reduziu** drasticamente a entrada de estrangeiros ilegais. (JA, “Mais diamantes e menos receitas”, 16/01/2017).
- d. Adelino **acredita** que um dia os irmãos Caracol **voltarão** a estar todos juntinhos. (JAAL, “30 anos a trabalhar num sonho”, 11/11/2016)
- e. **Achamos** que **deveríamos** meter em prática as orientações do executivo. (JA, “Mais diamantes e menos receitas”, 16/01/2017)
- f. Jacks da Conceição **recordou** que a gestão desportiva do clube é **feita** com o apoio e a compreensão dos treinadores. (JD, “O nosso basquetebol”, 27/02/2016)
- g. **Sublinhou** que do grupo de finalista **farão** parte os do curso de Direito, Economia, Administração Pública, Agronomia, Informática de Gestão e de Enfermagem. (JA, “Instituto de Investigação agrícola chamado a investir no Huambo”, 14/12/2016)
- h. (...) os movimentos anti-apartheid **perceberam** que o apartheid não **desmoronaria** sem luta armada. (JA, “Os símbolos da Namíbia e libertação de Nelson Mandela”, 28/02/2016)

Em termos esquemáticos, tem-se o seguinte quadro genérico de oposições em contexto de tempo independente nas completivas de indicativo:

- Presente + presente (34a) / pretérito (34c) / futuro (34d) / condicional (34e)
- Pretérito + pretérito (34b) / presente (34f) / futuro (34g) / condicional (34h).

Nem sempre este quadro difere das sequências temporais de contextos de conjuntivo, embora a natureza anafórica (dependente) dos tempos do conjuntivo em estruturas de subordinação seja a sua característica básica. Como referem Gonçalves *et al.* (2013, p. 434), “(...) não existe uma relação direta entre a distribuição de modo (Indicativo ou Conjuntivo) e a presença ou ausência de dependência temporal”, ou seja, nem sempre ocorrem fenómenos de *consecu-*

tivo temporum entre a completiva de conjuntivo e a oração matriz. Exemplos paradigmáticos são os de verbos de valor deôntico (como *pedir*) e uns poucos volitivos (como *desejar*) de (35), que, flexionados no perfeito, são compatíveis, quer com o presente (conjuntivo) num quadro de independência temporal, quer com o pretérito imperfeito (conjuntivo) em dependência temporal. Se quisermos, e manipulando um dos exemplos de (35):

- (i) O comandante **pediu-lhes / desejou** *que se **pautem / pautassem** por um comportamento exemplar.*

Os exemplos de (35) mostram a sequência temporal de Pretérito + Presente, com referência disjunta entre os respetivos sujeitos:

- (35) a. O comandante **pediu-lhes** *que se **pautem** por um comportamento exemplar.* (JA, Pré-campanha tem início de Dezembro, 06/11/2016)
b. Almeida Pinto, (...), **desejou** *que os trabalhadores **sejam** fiéis na relação conjugal.* (JA, “UNTA pede disciplina sexual aos trabalhadores”, 16/12/2016)
c. Nas nossas reuniões, **pedimos** aos taxistas *que **tenham** uma conduta exemplar.* (JA, “Táxis em Luanda melhor ordenados”, 16/12/2016)
d. (...) **pediu** aos fiéis *que **apoiem** o novo missionário para que este cumpra plenamente a sua missão.* (JA, “Novo pastor apresentado aos metodistas”, 28/02/2017)

Mas esta combinação de tempo é “condicionada lexicalmente” e “mais restritiva” (GONÇALVES *et al.*, 2013, 442) com a generalidade dos verbos volitivos. Por contraste a (35), as ocorrências de (36), com os volitivos *esperar*, *querer*, *gostar*, apresentam dependência temporal, quer a perspetiva temporal seja passada (cf. (36a-b) ou presente (cf. 36c-d)), segundo o esquema respetivo de Pretérito (imperfeito) + Pretérito (imperfeito) e Presente + Presente:

- (36) a. Destes **esperava-se** *que muitos **fossem** escritores.* (JAAL, “A nossa crítica”, 14/11/2016)
b. **Gostava** *que **houvesse** um aumento de ganhos no país e fora dele.* (JD, “Artur entra em campo”, 27/12/2016)
c. **Espero** *que a CPLP, como todas as organizações nacionais, **tenha** um papel muito importante.* (JA, “Manuel Vicente e Temer têm encontro em Brasília”, 21/11/2016)
d. **Quero** *que os outros também **concretizem** o sonho da casa própria.* (JA, “Famílias desfavorecidas recebem casas no Soyo”, 15/12/2016)

Tal dependência justifica-se pelo facto de a possibilidade de ação (que caracteriza os complementos de verbos volitivos) só existir em caso de identidade temporal, isto é, se o tempo da oração encaixada for simultâneo ao da oração matriz (passado ou presente).

Notas de fecho

A encerrar este trabalho, cumpre-nos primeiramente ressaltar a importância do *corpus* jornalístico aqui usado para aferir a consistência dos usos da complementação verbal finita em PA. Tratando-se de um registo controlado e produzido por falantes instruídos, o jornalismo escrito é hoje, e segundo vários autores, um meio de difusão e estabelecimento da norma. É assim possível que os materiais do *corpus* escrito agora constituído, com base em critérios de representatividade e homogeneidade, venham a ser recursos linguísticos para a formação de um *subcorpus* escrito do Português Angolano Contemporâneo, a par dos já existentes *subcorpora* orais criados em trabalhos académicos de linguística descritiva, a que atrás aludimos. Poderão ambos, o oral e o escrito da variedade angolana do português, integrar o atual grande *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), no quadro dos seus constantes desenvolvimento e atualização.

Para além disso, em matéria de padronização da variedade angolana do português, impõe-se uma visão de conjunto de tais *corpora* escrito e oral para a interpretação dos dados produzidos por falantes angolanos e identificação dos usos generalizados e mais consensuais. Daí que, não obstante o reconhecimento da importância do nosso *corpus*, tenhamos consciência de que alguns dos aspetos linguísticos da complementação verbal finita nele atestados, não corresponderão a usos generalizados, mas poderão apresentar outros padrões de variabilidade.

Nas matérias tratadas, a variação em relação à norma europeia é particularmente sensível ao nível da sintaxe posicional de clíticos pronominais e da oposição entre os modos indicativo e conjuntivo. A complementação verbal finita evidencia ocorrências muito frequentes de ênclise do pronome, aparentemente em variação livre com a próclise, que é a realização comum dos clíticos nas completivas finitas do português europeu e brasileiro. Ao nível de usos distintivos dos modos, a Tabela 3 *supra* mostra uma preferência por predicadores que situam a enunciação no mundo real, com perda do valor de “irrealis” de certos predicadores verbais, tanto quanto é possível associar estas categorias semânticas à alternância indicativo / conjuntivo. Certo é que o atestado uso

de indicativo em contexto de verbo volitivo (e também em contexto de verbo causativo) parece indicar uma alteração das características semânticas de não factividade do predicador. No contexto do uso do conjuntivo, observamos também a derrogação ao princípio da concordância temporal, uma vez que, apesar da sua natureza essencialmente anafórica, nem sempre as orações completivas de conjuntivo atestam dependência de tempo entre o verbo da oração matriz e o da oração encaixada.

Finalmente abordamos o fenómeno de queísmo nos contextos mais correntes de *verbo reflexo + (de) que* e *substantivo / adjetivo + (de) que*, contextos que apresentam um elevado grau de estabilidade. Talvez possamos mesmo concluir que a distinção entre estas estruturas, onde ocorre apagamento ou não realização fonética da preposição, e as correspondente oblíquas possui um rendimento funcional baixo, porque a distinção perdeu pertinência comunicativa; e isto é válido também para outras variedades lusófonas.

Referências

- ADRIANO, Paulino Soma. *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do Português em Angola*. 2014. 490 f. Tese (Doutoramento em Linguística). Universidade de Évora, Évora.
- ALARCOS LLORACH, Emilio. *Estudios de gramática funcional del Español*. Madrid: Gredos, 1982[1970].
- _____. Metodología estructural y funcional en Lingüística. *Revista española de lingüística*, v. 7, n. 2, 1977, p. 1-16.
- _____. Las oraciones degradadas *quondam* subordinadas. *Actas del congreso de la sociedad española de lingüística*. Madrid: Gredos, vol.1, 1990, p. 33-43.
- _____. *Gramática de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- AMBAR, Maria Manuela. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Colibri: Lisboa, 1992.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é? como se faz?*. ed. 50ª. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARBOSA, Jorge Morais. Le système verbal du portugais. In: BENTOLILA, Fernand (dir.). *Systèmes verbaux*. Louvain: Peeters, 1998, p. 71-86.
- BARBOSA, Pilar. Subordinação argumental finita. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo *et al.* *Gramática do Português*, V. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1821-1897.

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. ed. 37ª. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Lucerna, 2009.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Pontes, 1991.
- BOSQUE, Ignacio (ed.). *Indicativo y subjuntivo*. Madrid: Taurus, 1990.
- BRITO, Ana Maria Barros de. Ligação, co-referência e o princípio evitar o pronome. In: *Encontro de homenagem a Óscar Lopes*. Lisboa: APL, 1991, p. 101-121.
- CAMPOS, Doriela Marisa Dias. *Estruturas de complementação verbal finita no português em Angola: um contributo para a análise da variação linguística em variedades com normas não padronizadas*. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Consultoria e Revisão Linguística). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- CASTELEIRO, João Malaca. *Sintaxe transformacional do adjetivo - regência das construções completivas*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo. *Portuguesismos nas línguas bantu. Para um dicionário Português-Kiyombe*. Lisboa: Colibri, 2014.
- COSTAOUEC, Denis; GUÉRIN, François. *Syntaxe fonctionnelle. Théorie et exercices*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.
- COSTA, Teresa Manuela José Camacha da. *Os empréstimos das línguas bantu no Português falado em Angola: um estudo lexicológico da variante angolana*, Luanda: Edição da Autora, 2013.
- _____. *Umbundismos no Português de Angola. Proposta de um dicionário de Umbundismos*. 2015. 204 f. Tese (Doutoramento em Linguística). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- CLAIRIS, Christos. *No Rumo de uma linguística inacabada: ensaio de linguística funcional*. Tradução portuguesa de Maria Joana Vieira Santos. Coimbra: Almedina, 2008.
- DIK, Simon C. *Functional grammar*. Amsterdão: Foris Publications, 1981[1978].
- DIRVEN, René; FRIED, Vilém (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987.
- DUARTE, Inês. Subordinação Completiva. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 595-621.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

- HERNÁNDEZ ALONSO, César. *Nueva sintaxis de la lengua española*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1995.
- _____. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1996.
- GONÇALVES, Perpétua. O português em África. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo *et al.* *Gramática do Português*, V. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 157-178.
- GONÇALVES, Sebastião Leite; SOUSA, Gisela Cássia. Orações substantivas em função de sujeito e de objeto nas fases arcaica e moderna do português. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 2 fev. 2017.
- GONÇALVES, Anabela *et al.* Sequências temporais em completivas finitas: restrições semânticas e efeitos de aquisição. In: *Textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2013, p. 433-452.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. *Principios de sintaxis funcional*. Madrid: Arco/Libros, 1997.
- LOBO, Maria. Subordinação adverbial. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo *et al.* *Gramática do Português*, V. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1979-2057.
- MARQUES, Rui. *Sobre o valor dos modos conjuntivo e indicativo em português*. 1995. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- _____. Sobre a selecção do modo em orações completivas. In: CASTRO, Ivo (ed.). *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I, Lisboa: APL, 1997, p. 191-202.
- _____. On the selection of mood in complement clauses. In: HOGEWEG, Lotte; HOOP, Helen de; MALCHUKOV, Andrej (ed.). *Cross-linguistic semantics of tense, aspect, and modality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009, p. 179-204.
- MARTINET, André. *El lenguaje desde el punto de vista funcional*. Madrid: Gredos, 1976[1962].
- _____. *Estudios de sintaxis funcional*. Madrid: Gredos, 1978[1975].
- _____. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Crédit, 1979.
- _____. *Syntaxe générale*. Paris: Armand Colin, 1985.
- _____. *Função e dinâmica das línguas*. Tradução portuguesa de Jorge

- Morais de Barbosa e Maria Joana Vieira Santos. Coimbra: Almedina, 1995[1989].
- MARTÍNEZ, José Antonio. *Funciones, categorías y transposición*. Madrid: Istmo, S.A., 1994.
- _____. *La Oración compuesta y compleja*. Madrid: Arco Libro, S.L., 1999.
- MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do Português*. 1994. 627 f. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MUDIAMBO, Quibongue. *Estudos linguísticos sobre a lexicologia e a lexicografia de aprendizagem (aplicados) ao ensino da Língua Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 2014.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n.º especial, 1990. p. 71-104.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. ed. 2nd. New York: Cambridge University Press, 2007.
- PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.
- RABANALES, Ambrosio. Queísmo y dequeísmo en le español de Chile. *Onomázein*, 12/2, 2005, p. 23-53.
- SANTANA, Liliana. *Relações de complementação no português brasileiro: uma perspectiva discursivo-funcional* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SANTOS, Maria Joana de Almeida Vieira dos. *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa. Uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática*. Lisboa: FCG/FCT, 2003.
- SOUSA, Gisele Cássia de *et al.* As orações completivas subjetivas e objetivas. 2016. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/293491671>. Acesso em: 2 fev. 2017.
- SOUSA, Gisele Cássia. *Gramaticalização das construções completivas: o caso do complemento oracional introduzido por Se*. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- SOUZA, Edson Rosa Francisco de. As orações completivas nominais nas variedades lusófonas. XVII Congresso Internacional *Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, ALFAL, 2014, p. 1-18.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. *Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éd. Klincksieck, 1988[1959].

XAVIER, Maria Francisca. Dos problemas de constituição às potencialidades de utilização de *corpora*: o caso do CIPM. In: NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, RODRIGUES, Maria Celeste e GONÇALVES, José Bettencourt (coord.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 1. Lisboa: APL, 1996, p. 159-164.

Corpus

[http:// www.jornaldeangola.sapo.ao/](http://www.jornaldeangola.sapo.ao/)

[http:// www.jornaldosdesportos.sapo.ao/](http://www.jornaldosdesportos.sapo.ao/)

[http:// www.jornalcultural.sapo.ao/](http://www.jornalcultural.sapo.ao/)

Recebido em 24 de junho de 2017.

28 de julho de 2017.